

Napoleão I nos ultimos dias da sua vida — estatua em marmore, por Vicente Vela

PARIS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867

(Vid. pag. 105)

V

ESTATUA DE NAPOLEÃO I, EXECUTADA PELO ESCULPTOR VELA

Na galeria de bellas artes do palacio da exposição figura uma obra de um esculptor italiano, diante da qual está constantemente, desde que se abre o palacio até que se fecha, um numeroso concurso de admiradores. Essa obra, que tanto attrahe as vistas e prende as attenções, principalmente dos francezes, é a estatua de Napoleão I, esculpida em marmore por Vicente Vela, que occupa um logar distincto entre os mais insignes esculptores da Italia.

O artista representou o imperador nos ultimos dias da sua existencia. Napoleão está sentado em uma cadeira de braços e encostado a uma almofada. Tem vestido um roupão de ramagem e camisa de folhos, deixando-lhe desafogados o pescoço e parte do peito. Uma colcha envolve-lhe a parte inferior do corpo. Ambos os braços repoisam nos da cadeira. Este estado de prostração que o corpo representa acha-se caracterisado no rosto com tal expressão de verdade, que parece ver-se, com effeito, um moribundo.

A cabeça está um pouco pendida sobre o peito: as faces descaídas e encovadas pela doença. Quasi todas as feições revelam, através de uma grande coragem e resignação, os soffrimentos do corpo e os padecimentos da alma n'aquelles transes derradeiros da vida. Porém em que o artista deu provas de não vulgar habilidade e talento foi em saber dar ao semblante de Napoleão I a expressão que devia quadrar na despedida do mundo ao homem que teve em suas mãos os destinos da Europa. N'aquelle rosto, em que estão estampadas as angustias e virtudes que referimos, ha um gesto imperioso e reflexivo, e uma certa firmeza e energia no olhar, que mostram o genio do grande capitão do seculo XIX, o genio que, ao extinguir-se, parece engolphar-se nas recordações do passado e querer romper os véos do futuro.

A este merecimento, que a obra de Vicente Vela ostenta em alto grau, accrescem a correcção do desenho, a graça e naturalidade das roupas, e a delicadeza e perfeição da esculptura.

Todas estas circumstancias são razões de sobejo para que os cultores e amadores das bellas artes apreciem justamente esta magnifica estatua. Porém para os francezes tem ella duplicado apreço, porque, além do seu primor como obra de arte, recorda-lhes, no personagem que representa, uma das epochas mais gloriosas da França, e representa-lhes o heroe d'essas glorias na phase da sua existencia que mais vivamente toca nos sentimentos nacionaes, porque, ao mesmo tempo que excita as saudades da nação por quem tanto a engrandeceu e tão alto elevou o seu nome, é a recordação pungente das humilhações por que passou a França quando da fronte de Napoleão I caiu por terra a corôa imperial ao impulso dos exercitos estrangeiros.

A estatua é de marmore branco. É a primeira vez que o cinzel do esculptor retratou Napoleão I nos seus ultimos dias.

Foi comprada esta estatua por Napoleão III, e dizem que será inaugurada, logo depois do encerramento da exposição, em logar apropriado junto das margens do Sena.

I. DE VILHENA BARBOSA.

EXCERPTOS DA POESIA RUSSA

Nós devemos sympathisar com as litteraturas ignoradas. Quasi desconhecidos na Europa, visto que a França, a grande intermediaria das relações internacionaes, pouca attenção se tem dignado prestar-nos; conscios, apesar d'isso, de que ha nos nossos joalheiros litterarios perolas de purissima agua, diamantes de immenso esplendor, devemos comprehender que o mesmo succederá nas litteraturas dos paizes que, por falta de conhecimento intimo, chegâmos quasi a considerar como leigos n'esta materia.

Quem dirá que n'esse vasto imperio, ainda semi-selvagem, viça uma poesia opulenta, cheia de seiva, original, illuminada pelo clarão suave das tradições antigas populares, e tambem pelo alvorecer das idéas novas, que lenta mas incessantemente vão arraiando o horisonte da Moscovia, e combatidas pelas trevas do despotismo, vencidas, mas nunca apagadas, conseguem ir espraiando, espraiando a sua luz redemptora, alimentada, como pelo oleo de sacra lampada, pelo sangue de martyres sublimes!

Mas, dizem os leitores, uma litteratura cheia de originalidade e de vigor na Russia, no imperio que arqueja sob o joelho de um homem, do czar, contraria completamente as idéas que a moderna critica vulgarisou, de que a liberdade do pensamento é indispensavel a toda a litteratura que se prezar de vigorosa e original, que na estufa do despotismo não floreja a arvore sagrada da poesia, a arvore que precisa do claro esplendor do sol, das livres brisas da immensidade!

Assim é. E quando a litteratura acceitava a senha dos despotas descambava nas frivolidades, mais ou menos brilhantes, dos seculos XVII e XVIII. Então estava o espirito realmente escravo, porque acceitava a supremacia, porque era baldo de aspirações. Mas hoje até mesmo na Russia penetra a idéa nova, a idéa civilisadora, e, se o despotismo ainda é senhor dos corpos, já perdeu o seu poder sobre os espiritos illustrados. A poesia acceita fremente as algemas que a censura lhe lança, e essa vaga conspiração do estilo, que a policia não entende, mas pela qual a historia avalia qual era a fermentação de um paiz n'um dado periodo da sua existencia, abrange toda a litteratura russa, fermenta no talento de todos os escriptores, e, chegando a fazer explosão mais tarde ou mais cedo, leva-os muitas vezes ou á Siberia ou ao cadafalso.

Não queremos fazer uma historia da poesia moscovita; queremos apenas dar d'ella dois excerptos, como o nosso titulo o indica. Servimo-nos para isso, como o leitor facilmente adivinha, de uma versão franceza, mas versão litteral. Fizemos a escolha de modo que o leitor podesse ver qual é a dupla tendencia da poesia russa, liberal, ardente, e tendo assim um echo em todas as classes illustradas; cheia de uma certa pompa asiatica e de uma estranheza como que ainda selvagem, aproximando-se mais do que nenhuma outra da poesia primitiva, e despertando, por conseguinte, não só nos boyardos da *vieille roche*, mas tambem nas classes populares, todos os instinctos, todos os sentimentos nacionaes.

Duas palavras agora sobre os dois poetas que fazemos conhecer aos nossos leitores. Um d'elles é Pouschkine, talento de primeira plana, que falleceu desastrosamente antes de ter revelado tudo quanto valia. Foi morto em duello. Poeta ferventemente liberal, ardente adversario da tyrannia, e apesar d'isso sympathico a Alexandre I, que professava pelo seu genio uma profunda admiração, protegeu-o esta sympathia, depois talvez tambem a opinião publica, que, se na Russia não é omnipotente, já tem, comtudo, bastante influencia para que os autocratas não ousem arrostal-a quando se manifesta com vigorosa unanimidade. Mas, pondo de parte o ataque a rosto descoberto, empregou o despotismo meios mysteriosos? Ninguem o poderá dizer. É certo que um inimigo invisivel, aproveitando a irritabilidade conhecida do caracter de Pouschkine, soube por meio de cartas anonymas, infamemente mentirosas, envenenar-lhe a fidelidade conjugal, e leval-o a bater-se com o homem que deveria ser o seu melhor amigo. Esse duello infeliz livrou a tyrannia de um dos seus adversarios mais influentes e mais audaciosos, como se poderá ver pela curta poesia que d'elle traduzimos, e que ainda hoje o amigo murmura, com timido enthusiasmo, ao ouvido do amigo.

Lermontoff era tambem um poeta liberal, ainda que adorador mais pronunciado da musa voluptuosa e amena do que do genio severo da liberdade. Official do exercito, o seu férvido talento offuscou o governo, que o enviou para a guerra do Caucaso, esse matadoiro da Russia. Lermontoff aproveitou o ensejo para espanejar aos raios do alegre sol circassiano as azas iriadas da sua musa-borboleta. O seu genio opulento pairou em liberdade sobre os cumes sublimes da montanha, a sua lyra teve por acompanhamento os echos das cataractas, e o deus fluvial do Terek, o Tritão do mar Caspio, segredaram-lhe essa magnifica poesia, tão oriental, tão cheia de estranheza para nós, de que damos aos leitores do *Archivo* uma pallida versão.

Lermontoff tambem foi morto em duello, e é uma singular fatalidade esta que na morte uniu os dois maiores poetas da Russia.

Seguem-se as versões:

AOS EXILADOS DA SIBERIA

(POUSCHKINE)

Nas minas sepulchraes da gelida Siberia
constantes supportae a fome, o frio, a dor.
A clemencia do ceo quem a merece espere-a!
Ao martyr sempre Deus envia um vingador.

O germen liberal vão fecundal-o os annos,
e aurea espiga resplende á aurora do porvir.
Hoje altivo e brilhante, o solio dos tyrannos
ha de ao sôpro de Deus baquear, succumbir.

Lá no exilio, na treva em que pungente vela
o desespero atroz, de amigos se descrê.
No enluctado ceo reluz uma alva estrella!
O nosso affecto irá sobre as azas da fé

inundar de esplendor a vossa campa escura!
E a musa do poeta, a pomba das soidões,
irá meiga poisar na fronte em que fulgura,
do martyr santa c'roa, o sangue dos vergões.

Com doce voz dirá: — Irmãos, eis-me chegada!
Estrella d'alva sou do sol que ha de raiar;
não timido luzeiro em noite carregada,
porém a liberdade ufana a triumphar.

Longos annos esp'raes, ó victimas dos sceptros!
Mas talvez ámanhã sôe a hora fatal!
E alegres sorrireis, ó lividos espectros,
ao ver nas nossas mãos o vingador punhal.

AS DADIVAS DO TEREK

(LERMONTOFF)

Juntando ás aguas granito
no revoltoso cachão,
lá dos confins do infinito
baixa o Terek, o leão,
que agita a juba espumosa;
mas na campina viçosa,
Circassiano sagaz,
qual meigo rio se alisa,
e ao Caspio, que enruga a brisa,
humilde pedido faz:

«Abre, velho, o seio undoso,
meigo asylo em fim me dá!
Pelas terras, caprichoso,
largo curso eu corri já.
Quero um abrigo socegado.
Nasci no cume ignorado
do Kasbek glacial.
As nuvens me amamentaram;
no meu berço me embalaram
as azas do temporal!

«Cresci; no meu curso ingente
mil desastres semeei.
Logo proximo á nascente
o Darial devastei.
Trago em rochas espargido
todo o monte...» Distrahido
o velho Caspio a scismar,
pelas ondas embalado,
nem ouve o rio humilhado,
que assim torna a supplicar:

«Percebo... Do dom mesquinho,
lago opulento, zombaes.
Deixo pois da aguia ao ninho
os seus rochedos nataes.
Dou-vos mais rico presente,
um Tcherkesse... o mais valente.
Fel-o a morte succumbir
quando, na pugna mais brava,
no aureo estribo se firmava
para o golpe despedir.

«Traz seu arnez de batalha,
que vale um immenso thesoiro;
formosa cota de malha,
esporas de fino oiro.
Os cartuchos, bem providos,
onde ha raios escondidos,
de prata da Persia são.
No punhal, que o sol incende
em lampejos mil, se estende
todo um verso do Alkorão.

«Como que os olhos dardeja
da morte ao anjo fatal.
Sangue que a barba goteja
faz seus labios de coral.
Sae da cabeça rapada,
pelo papak abrigada,
humida trança a ondear...»
Caspis, mudo e debruçado,
mira o seu rosto enrugado
no espelho immenso do mar.

E diz-lhe o Terek: «Escuta!
Rico dom te vou fazer;
saindo da humida gruta,
has de me em fim attender.
Trago no leito da vaga,
que as fórmas gentis lhe afaga,
joven russa esquiva a amor,
corpo todo suavidade,
que guardou da virgindade
a impolluta, a casta flor.

«Boca breve; a trança loira,
côr da espiga a sazonar;
branca espádoa o sol lh'a doira
quando um beijo lhe quer dar.
Pallida vem, como a estrella,
quando em nuvens a luz vela,
como alva rosa em botão;
e do collo alabastrino,
como orvalho purpurino,
golpha o sangue em borbotão.»

Branca e fria, fluctuando
das vagas no espumeo véo,
eil-a, a donzella, espelhando
nos olhos a côr do ceo.
Cae o cabello ondeado
no seio semi-velado,
oiro do jaspe no alvor,
onde as veias azuladas
pinta co'as mãos descarnadas
o espectro destruidor.

Ao vêl-a, o genio do lago
ergue a fronte a gotejar.
Desejo sombrio e vago
lampeja no seu olhar.
Para ella estende o braço;
arrasta-a, n'um meigo laço
junto do peito immortal,
para a humida planura...
E a vaga passa e murmura
doce canção nupcial!

M. Pinheiro Chagas.

A VARA DE AÇUCENAS

(Conclusão. Vid. pag. 123)

V

A idéa de que o homem vestido de negro era o diabo ia-se arraigando na imaginação de Catharina, mais aterrada ainda pensando que ia perder a alma do que pensando que perderia o noivo.

Catharina gritava áquelle homem: «Não façaes a ponte á custa da minha alma, porque não vol-a quero dar.» Mas a sua voz perdia-se entre o ruido do Cadagüa e o dos machados e martellos, que se continuavam a ouvir nas margens do rio, como se uma legião invisivel de carpinteiros e canteiros trabalhasse alli; e entre aquelle ruido infernal parecia á desventurada menina ouvir uma voz que respondia á sua:

— Já é tarde!... já é tarde!

A noite avançava, e Catharina parecia ver surgir de ambas as margens do rio, no meio da escuridão, dois torreões alvissimos, que eram, sem dúvida, os estribos ou botaréos da ponte. Uma esperança fortaleceu de subito o angustioso e desfallecido coração de Catharina, e esta emprehendeu para logo a subida da costa de Castrejana, e chegando ao pé do castanheiro de Altamira caíu de joelhos, e, dirigindo o coração e a vista para o sanctuario de Begonha, invocou a protecção da Virgem, exclamando:

— Santa Mãe de Deus, salvae minha alma ameaçada da perdição eterna!

O valle do Ibaizabal estava escuro como o do Cadagüa; mas, apenas Catharina proferiu taes palavras, figurou-se á joven que um suave resplandor illuminava o valle que ha mais de mil annos a Mãe de Deus protege do alto das collinas de Artagan. Que luz seria aquella? Ah! talvez fosse a da esperança!

Allumiada e fortalecida por ella, desceu Catharina a costa de Castrejana. O suave resplandor que esclarecia o valle do Ibaizabal ia-se dilatando tambem pelo valle do Cadagüa, e ao seu favor viu Catharina que os dois estribos que, antes com a imaginação que com os olhos, vira surgir de ambas as margens do rio, iam crescendo, crescendo, e encurvando-se um para a direita e o outro para a esquerda, e iam juntando os extremos superiores para constituir um arco perfeito.

Para o lado de Iturrioz brilhou uma luz como a de um tição acceso, que foi descendo para o castanheiro, em cuja sombria ramada desappareceu. O coração de Catharina bateu forte e dolorosamente; aquella luz parecia indicar que se aproximava a meia-noite, e que Martinho deixára a casa paterna e se dispunha a abandonar — talvez para sempre! — o valle nativo.

Catharina não apartava os olhos da ponte, para cujo termo só faltava a chave do arco. De repente uma Senhora, que levava na mão uma formosa vara de açucenas, appareceu sobre aquella curva molle de pedra, e, estendendo a vara sobre a ainda não fechada abobada, desappareceu pelo intervallo, deixando n'este um como rasto luminoso que se perdia no fundo do valle de Ibaizabal.

Quando Catharina afastou a vista do Oriente, onde aquella singular visão desapparecêra, e a dirigiu de novo para a ponte, tão maravilhosamente levantada, viu o homem vestido de negro, que, sustentando nas mãos uma enorme pedra com tanta facilidade como se sustentasse um leve pelouro, trepava acima do arco e collocava alli aquella pesada loisa, que sem dúvida estava destinada a completal-a.

Porém, por mais esforços que fazia o artifice para ajustar a loisa, ou silhar, na abertura do arco, a loisa não ajustava. O homem vestido de negro martellava desesperadamente na pedra, acompanhando cada pancada com uma blasphemia, e a pedra continuava a resistir como se lh'o impedisse uma forte barra de ferro atravessada debaixo d'ella.

E quanto mais aquelle homem redobrava os furiosos esforços, tanto mais o soido dos sinos de Burcenha subia pelo valle annunciando a meia-noite, e o homem de negro ao ouvil-a lançou um grito de desesperação e lançou-se á corrente, entre cujos espumosos rolos desappareceu, e n'aquelle instante resoou sobre o arco um som como o que faz uma vara ao quebrar-se, e a loisa então ajustou, e o arco ficou perfeito, e uma montanha de agua, que descia rugindo pelas turtuosidades de Alonsótegui, arrastou Zubileta abaixo andaimes e cimbres, e Catharina atravessou com rapidez a ponte tão maravilhosamente construida e dirigiu-se para o castanheiro de Iturrioz.

Meia hora depois, porção de mancebos armados dê loriga e balhesta subia Cadagüa acima lastimando que Martinho de Iturrioz preferisse as effeminadas caricias do amor ás duras e gloriosas commoções da guerra; e Martinho, trazendo pelo braço Catharina, chegava á casa de Castrejana, e, despedindo-se alli affectuosamente da joven, passava a ponte do diabo, e pelas herdades acima voltava á casa de Iturrioz.

Entre a enorme loisa que constituia a chave da ponte de Castrejana e as contrachaves, ou loisas lateraes, brotavam todos os annos umas formosas açucenas, que as raparigas do valle de Ibaizabal iam a colher na manhã de S. João e chamavam *catáloras*, nome que provinha das palavras vasconças *catálenlorac*, que equivalem a «flores de Catharina»; mas, em consequencia do grande diluvio que houve na Biscaya a 22 de setembro de 1523, resentiram-se os pilares da ponte, e houve que substituir com loisas mais pequenas a pesada chave que se receiou viesse abaixo, arrastando comsigo uma das pontes mais ousadas e elegantes do senhorio.

VILLA DO PESO DA RÉGOA

A villa do Peso da Régoa está situada na margem direita do caudaloso rio Douro, a pouco mais de 90 kilometros da sua embocadura.

Fundada em pequena encosta, vae como que abraçar-se com o rio, cujas aguas, repetidas vezes espumantes pela violencia da corrente, retratam orgulhosas o famoso e formoso panorama que a villa encerra.

Se a Régoa não é uma d'essas povoações que se tornaram celebres na historia pelos feitos de que foram theatro, póde, todavia, como qualquer outra, apresentar com franqueza os seus foros de antiguidade.

Vem de muito longe a historia da sua fundação. Ha auctores que asseveram que ella já era conhecida no tempo em que os romanos se assenhorearam da Lusitania; e dão como testimunho a fundação da sua egreja de S. Faustino, attribuindo-a ao imperador Constantino Magno; mas parece que este facto não se acha comprovado. O que é certo é que esta egreja se remonta á epocha em que se construiram as de Santa Senhorinha de Basto e S. Salvador de Taboado, as mais antigas em Sobre-Tamega.

O conde D. Henrique e sua mulher, D. Theresa, entrando em Portugal, elegeram para bispo da cathedral do Porto, cabeça do condado que lhes doára Affonso VI, rei de Leão, a D. Hugo, seu companheiro, e lhe fizeram mercê das terras da Régoa, e egualmente de metade do rendimento da barca, isentando, porém, do pagamento de uma para outra margem os seus moradores, com a obrigação sómente de contribuir cada um com um cantaro de beberagem para o reparo da referida barca, isenção que esteve em vigor até 1780, e que no decurso do tempo se foi alterando.

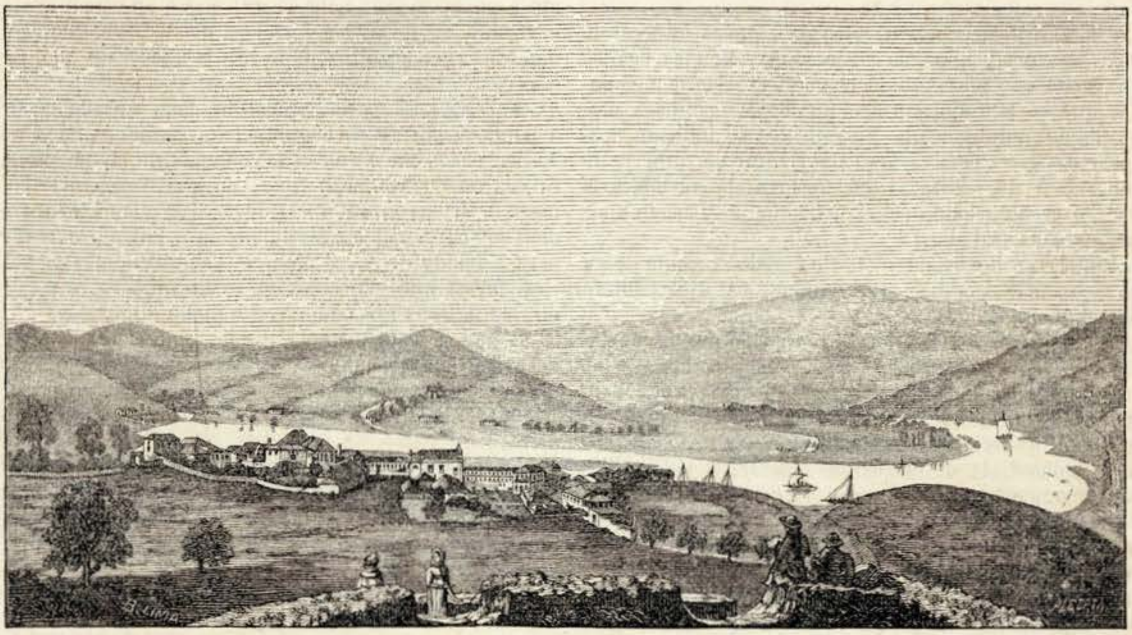
Depois da fundação da monarchia, D. Affonso Henriques deu foral á Régoa, e os bispos fizeram d'ella um coito para a jurisdicção civil, que durou até 1789, como se collige do obito do bispo D. Affonso Peres Pinto, o qual se finou, reinando então el-rei D. Diniz, no seu coito e comarca da Régoa, e d'alli foi levado para a sua capella de Balsemão, onde jaz.

Pela extincção do coito foi a Régoa elevada á cathegoria de capitania de ordenanças, e em 1835 á de cabeça de julgado e comarca.

Nada existe hoje, porém, da antiga Régoa. As novas edificações e as contínuas reedificações que se tem feito, operaram n'ella transformação tal, que não é possivel formar-se presentemente idéa exacta do que foi.

Não ha alli um só monumento ou memoria historica que testimunhe a sua antiguidade. O unico de que se poderia fazer menção, a egreja de S. Faustino, e que se erigiu no local em que hoje se vê a capella da Senhora do Cruzeiro, encarregou-se o tempo da sua demolição, e a final a grande cheia do rio, em 1734, acabou de arruinal-o.

O templo que hoje serve de matriz pouco mais conta de seculo, e, para o collocarem ao abrigo das frequentes inundações do rio, na estação invernosa, foram edifical-o no Peso, com o qual a Régoa está ligada, pois que d'alli á villa a distancia é apenas de meio kilometro. A egreja matriz é espaçosa e elegante, mas nada contém de notavel além do retabulo do altar-mór, onde excellentemente se representou a Ceia de Christo, obra do pintor Pedro Alexandrino, um dos bons e apreciados engenhos artisticos de Portugal. O quadro é, na verdade, um bello trabalho; captiva logo a attenção do viajante; e todos os nacionaes e estrangeiros que vão á Régoa não deixam de o ver e examinar com a maior attenção, honrando a memoria do afamado pintor.



Vista da Régoa em 1816, segundo uma gravura de 1817

A unica obra de arte que a Régoa possue digna de mencionar-se é o caes, mas ainda está em via de construcção. Devem consumir-se com elle não menos de 50:000$000 réis, porém ficará bom, e muito conveniente se torna para aquella villa pela industria a que se dedica, e por causa dos meios de transporte de que se serve para a realisação de suas transacções.

Como é sabido, além dos carros diarios que põem a Régoa em communicação directa com o Porto e Villa Real, ha os barcos de carreira, que partem para a cidade invicta ás segundas-feiras, e tambem ás quintas durante algum tempo do anno, e que transportam centenares de passageiros e innumeravel quantidade de encommendas por preços commodos. É geralmente e preferentemente pela via fluvial que a Régoa exporta os seus productos e importa aquelles que necessita para consumo.

Se se podesse conseguir uma estatistica muito exacta dos barcos empregados no transporte de vinhos, mercadorias e passageiros no Douro, ver-se-hia que o numero excedia tudo o que se podia imaginar. Apesar de não haver dados officiaes, os apontamentos que fizeram o favor de mandar-nos da Régoa dizem que se calcula subir a 800 o numero de barcos de diversas lotações empregados n'aquelle serviço, tendo os maiores capacidade para transportar 90 pipas. Os barcos chamados propriamente de carreira, que são os que levam ao mesmo tempo mercadorias e passageiros, não excedem a cinco, e tanto estes como os outros se conhecem pelo nome dos donos; por isso quem for ás margens do Douro ha de alli ouvir constantemente: — Sae hoje o barco do *Felisberto*...— Volta ámanhã o do *Pantana*...— Espera-se o do *Miguel*... etc. etc.

Tem a Régoa uma praça que diariamente abastece os moradores da villa de pão, legumes, frutas, etc.; e uma feira mensal bastante concorrida dos povos circunvisinhos.

A villa não tem edificios publicos, nem praças, nem fontes, nem passeios; mas tem muito bons edificios particulares, e as ruas em geral não são más. A impressão que o viajante experimenta ao entrar dentro da villa não é, todavia, tão agradavel como a que recebe ao contemplal-a a certa distancia, em que o aspecto geral surprehende e maravilha.

É proximo da Régoa que se acha o valle de Godim, celebrado pelo pittoresco panorama que apresenta, sobre tudo na primavera, em que as alvissimas casas, disseminadas por entre o arvoredo e a mais luxuriante vegetação, se erguem do seio do formoso valle como se tivessem fórmas phantasticas.

É a Régoa o emporio da provincia de Traz-os-Mon-

tes; mas como o commercio em geral e em especial o dos vinhos é a sua principal riqueza, a prosperidade ou a decadencia d'este ramo de industria vae alli necessariamente reflectir-se.

No tempo da antiga companhia, em que na Régoa se fazia a feira de vinhos, que só na de Leipzig encontrava rival, foi quando mais floresceu aquella villa; mas hoje parece que vae declinando por causa da apathia em que se acha o commercio, o que é facil de explicar-se pela transição que sempre se opera, mais ao menos lentamente, quando se passa de um para outro systema.

(Continúa)

A COLONIA PORTUGUEZA DE MOSSAMEDES

(Conclusão. Vid. pag. 111)

O districto de Mossamedes tem egualmente abundancia e riqueza de minas.

«Para se fazer, porém, idéa da riqueza mineral do paiz (diz o sr. ministro da marinha, Mendes Leal) e do muito que n'este ramo promette, bastará mencionar que só nos mappas de que se acompanha a memoria do municipio de Mossamedes se indicam descobertos na respectiva área 64 jazigos de minerio de cobre e 5 de salitre, valor tanto mais consideravel quanto a salubridade relativa d'aquelle districto mais facilitará os trabalhos [1].»

Em 1865 havia no districto: gado vaccum (para serviço), 484 cabeças; dito cavallar, 32; dito asinino, 53; dito muar, 5.

Os meios de transportes, no indicado anno, constavam de 72 carros, 25 carroças e 4 carrinhos.

No mesmo anno, a industria já estava muito bem representada em Mossamedes, pois vemos que alli existiam os seguintes estabelecimentos: de tecidos de algodão [2], 1; de fabrico de assucar, 2; de distillação de aguardente, 8; de sola, 1; de tijolo e telha, 3; de caieiro, 2; de serralheria, 2; de folha branca, 1: total dos estabelecimentos industriaes, 20.

Em Mossamedes ha abundancia de pescaria [3], e tambem se não observa falta de caça, principalmente no sertão. As embarcações miudas, que se destinam ao serviço da pesca, são: escaleres, 50; baleeiras, 7: e ao serviço publico da alfandega e outros, são: lanchas, 12; escaleres, 8; baleeiras, 5; total, 82.

Vamos agora, posto que reproduzamos ainda algumas noticias que se tenham dado na serie d'estes despretenciosos artigos, extrahir da *Descripção e roteiro da costa occidental de Africa, desde o cabo de Espartel até o das Agulhas*, pelo sr. Alexandre Magno de Castilho, as seguintes linhas, que se referem a Mossamedes, e com as quaes enriquecemos e, por assim o dizer, damos por findos os esclarecimentos que temos aqui colligido em beneficio dos que se quizerem dar a obra de tomo, deixando para outro logar e para occasião mais opportuna as considerações que deveriam aqui naturalmente occorrer sobre a administração e a colonisação das nossas possessões d'além-mar.

Diz, pois, o illustrado official de marinha, auctor da obra citada:

«Fica a bahia de Mossamedes (nome que lhe foi posto em 1785 pelo tenente-coronel de engenheiros L. C. C. P. Furtado, quando foi estudar toda essa costa), antiga angra do Negro, e em lingua do gentio Bissungo Bittoto, entre as pontas do Girahúlo, (cabo Euspa) e a Grossa ou do Noronha.

1 *Loc. cit.*, pag. 73.

2 Esta fabrica foi creada por incitamento do sr. governador Leal, e os seus productos mereceram premio na exposição industrial do Porto.

3 No relatorio do sargento-mór Gregorio José Mendes, ácerca da exploração que fez de Benguella a Mossamedes, se lê: «Junto á praia assentei o campo, e fabricando uma jangada, consegui a pesca de excellentes *tainhas, pargos e corvinas*.» A variedade dos peixes é, todavia, maior.

«Estende-se a ponta do Girahúlo, que é rasa, pouco saida e muito cortada a pique, em 15° 11′ 30″ S. [1], e 21° 12′ 30″ E. Muito perto d'essa ponta, e em linha que vae d'ella á fortaleza, se pruma em 30^m,5, e se encontram depois, successivamente, 24, 82, 92, 99, 55, 238 e 293 metros.

«Segue d'alli a beira-mar, toda pedrada e negra, obra de 3 milhas para S E 4 ¼ S. até á ponta Redonda, a qual tira o nome do feitio que tem, e é tão alta e tão ingreme, que se acham 36 metros, fundo de pedra, nas suas visinhanças; cresce muito rapidamente o fundo para S 4 S E. d'essa ponta, e tanto que se pruma em 261 metros a milha d'ella; mais para S., n'esse mesmo alinhamento, se acham 20 e 14 metros perto da costa meridional.

«Pouco para E. da ponta Redonda se abre o Saco do Girahúlo, enseada com praia de areia, e depois se vae arqueando a bahia para S., e formando um reconcavo, todo guarnecido tambem de praia de areia, até á ponta Negra. Sobre esta, que é alta, pedregosa e escura, se levanta a fortaleza de S. Fernando, começada a construir em 1840, e que póde montar 8 peças.

«Vae arenosa e de meã altura toda a costa desde a ponta Negra, e se encurva para formar o Saco do S., enseada que termina pela banda de O. na ponta Grossa ou do Noronha. No recanto do Saco, onde começa a terra de subir, se levanta a chamada Torre do Tombo, morro argilloso, macio e talhado a pique para a banda do mar, onde se lêem os nomes de varios navios que tem aportado a Mossamedes, e os de muitas pessoas que visitaram aquelle sitio [2].

«Segue-se a ponta do Noronha, que é alta, pedregosa, cortada a prumo, amarellada e sita a 2 milhas e tres decimos da ponta Grossa; sobre ella, e em 15° 13′ 30″, torreia uma guarita com o seu pau de bandeira.

«Passada a ponta do Noronha recurva-se muito a costa, e fórma uma enseada, que termina da banda do S. na ponta da Annunciação, ou da Conceição, que é rasa, negra e só a custo se percebe do mar. Fica esta em 15° 16′.

«Milha e seis decimos para O ½ N O. da pônta do Noronha fica o extremo septentrional do baixo da *Amelia* (nome que lhe foi posto por ter naufragado alli, em 1842, a escuna de guerra portugueza *Amelia*), muito perigoso por quebrar só de vez em quando, apesar de ter pelo geral uns tres metros de agua,

1 15° 7′ 30″ S., diz Kerballet.

2 As inscripções, a que se refere o sr. Alexandre de Castilho, são de certo as que se encontram na correspondencia do tenente-coronel Pinheiro Furtado, o que prova que já no seculo XVII se aventuravam por aquella costa alguns ousados navegadores. Eis as inscripções:

KEMY—1723.

I I+I S—1766.

Luiz de Barros passou por aqui em 1765 annos.
André Chevalier G Y 1666.
Jan Dier.
• Francisco de Barros.
Bernardo Quado Aso do Febro passou por aqui em 1665.

• W/◊ FRN†PM.

Thomaz Decembro 1762 e em 1770.
José da Rosa 1645.
MR. 1649.
W TAYLOR, 1768.
IS—1770.
De Tonchom 1665.
Rio Conene.
Monde en... 65.
S • F 1770.
Aqui esteve o patacho do Goya 1665.
Manuel Rodrigues Coelho.
Martin em 1770.
Aqui esteve o piloto Matheus Pires Silva da Pederneira 1665.
Thomaz de Sousa.
O capitão José da Rosa Alcobaça passou por aqui indo para o Conene no patacho Nossa Senhora da Nasareth em 4 de janeiro de 1765.
O capitão Manuel de Lima.
Aos 6 de fevereiro saltou o sargento Domingos de Moraes n'esta bahia, que é formosa, em companhia de seu capitão, José da Rosa, em 1665.
JAN: DIMMESEN 1669.
VNSSENGAE PEL 1669.
ADRIIEENDIRERSEN.

e 0^{m},9 em alguns sitios. É todo de rocha e areiola, tem na falda occidental 2^{m},2, 3^{m},5, 4^{m},5 de agua, e 7^{m},9 e 11 na septentrional; perto d'elle e da banda do O. se encontram 22 metros e mais, e separa-o do continente um canal por onde só devem navegar lanchas. Ha, porém, quem affirme ter visto navios de guerra inglezes passar por entre o baixo e a praia da Amelia, que lhe fica fronteira; julgâmol-o, porém, muito arriscado, assim por poder acalmar alli o vento e encostarem as aguas para cima do baixo, como por haver sempre seu rolo de mar.

«Dilata-se o baixo da Amelia por entre 15° 14' e 15° 18' S., e vae até a umas tres milhas da costa.

«Afoitamente se póde navegar por aquellas paragens, em quanto estiver a ponta Negra descoberta da do Noronha, marca larga do extremo septentrional do baixo, e que passa uns oito decimos de milha para N. d'elle.

«Indo do S. em demanda do ancoradoiro de Mossamedes, monte-se a ponta da Annunciação á distancia de 3 milhas e meia, e siga-se para N., sem chegar á terra, até descobrir a ponta Negra; deite-se depois para esta, ou um tanto para N. d'ella, a fim de ir pelos 24 metros de fundo nas visinhanças da do Noronha, e não por menos, porque póde acalmar o vento á sombra da ponta.

«Indo do N. deve-se dar resguardo á ponta do Girahúlo, por encostarem muito para lá as aguas e não se poder fundear.

«Ha quatro ancoradoiros na bahia de Mossamedes: o dos navios de guerra e navios em franquia, em 26 metros, no alinhamento das pontas Grossa e do Noronha, a egual distancia das duas, e a meia milha da terra mais proxima: é bom sitio para velejar, pois se póde sair de bordada. Diminue muito gradualmente a fundura desde esse surgidoiro até a uns dois decimos de milha da terra, onde se encontram 5^{m},4.

«Embarcações que tencionem demorar-se muito podem fundear a quarto de milha da praia, pouco para N. da Torre do Tombo, e em 9 metros ou 6^{m},4.

«Acha-se terceiro ancoradoiro, bom para os navios mercantes que tiverem de carregar ou descarregar, em 16 ou 18 metros perto da praia onde se levanta a povoação.

«Ha, finalmente, o fundeadoiro das embarcações de pesca, e outras de pequeno lote, quasi no rolo da praia fronteira á villa.

«No recanto N E. despeja, em tempo de chuvas, o rio Béro ou das Mortes, cujo leito atravessa o sitio das Hortas. Correm com tal velocidade as aguas d'este rio, em algumas occasiões de grande cheia, que se levam para cima de 8 milhas por hora. Do extremo da margem esquerda do rio Béro parte para N O. um baixo com perto de milha de comprido. Tem o rio boa agua de beber, e sem custo a deixa tomar, quando calêma; será, porém, necessario ir recebel-a de manhã cedo, antes de calar a viração, porque mais tarde açoita o mar aquellas paragens e é custoso de voltar ao surgidoiro; devem as embarcações que a empregarem na faina da aguada fundear perto da foz do Béro e da banda do N E. da restinga. Acha-se tambem optima agua abrindo cacimbas no terreno das Hortas.

«Nas alturas de Mossamedes se erguem as banquetas chamadas Mesas dos Cavalleiros ou dos Carpinteiros, parecidas com outras que se prolongam desde o parallelo de 14° 30' para S., mas distinctas por serem tres e eguaes. São boas marcas para navio que estiver amarrado.

«Por sobre a terra alta visinha da fortaleza, e pelo areial para E. da ponta Negra, se avista a villa de Mossamedes. No areial é que fica a maior parte das casas, bem alinhadas, quasi todas de um andar só e em ruas espaçosas. Entre a fortaleza e a Torre do Tombo estão a egreja, um hospital militar, pequeno mas aceiado, e outros edificios.

«Rapido ha sido o desenvolvimento da villa, o que em grande parte se deve attribuir á bondade do clima, muito parecido com os mais sadios da Europa. Sente-se alli frio, anuvia-se o tempo e são humidas as noites em julho e agosto, mezes em que a altura média barometrica anda por 760 a 765 millimetros. De annos a annos desaba alli fortissimo terral de E., que traz grande cópia de pó muito incommodo e produz graves doenças.

«Nas suas visinhanças, e especialmente para o lado do N E., se levantam muitas libatas de negros, quasi todas mucubaes, cultivando especialmente o milho, e possuindo grandes manadas de gado vaccum.

«Ha bom desembocadoiro no areial fronteiro á povoação baixa, e ao abrigo da ponta Negra; deve-se, porém, fugir de uma lagea que fica ao lume d'agua e pela parte de dentro d'aquella ponta.»

BRITO ARANHA.

SCIENCIA POPULAR

A TRICHINOSE

(Conclusão. Vid. pag. 118)

III

Tal era o estado da questão. Chegára-se em fim a um resultado de grande valia. Sabia-se que as trichinas enkystadas não eram nocivas; e que no periodo que medeia entre este estado e a absorpção d'ellas, periodo de dois mezes, graves molestias se produziam.

Foi n'este entrementes que o afamado dr. Virchow, cuja reputação corre hoje por todo o mundo, se encarregou de um estudo minucioso, maiormente em relação aos habitos, costumes e emigrações das trichinas.

Da descripção do animal pouco ha que dizer.

É um verme perfeitamente caracterisado, que chega ás vezes ao tamanho de um ou dois millimetros.

A trichina enroscada, ou reduzida ao menor diametro, só póde ser observada com o microscopio.

Com um augmento de 300 a 350 tem a trichina o aspecto vermicular cylindrico. A extremidade anterior é aguçada e comprehende a boca, aonde vem ter o esophago, que toma a maior parte do corpo. Ao esophago succede o canal intestinal, o qual termina pelos orgãos de reproducção.



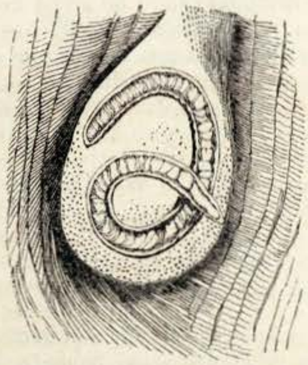
Trichina vivaz

Tal é a trichina vivaz no periodo de nocividade. Quando passa ao periodo passivo encerra-se em um kysto, ou capsula calcarea formada á custa dos musculos, a qual, depois de certo tempo, se torna opaca e perfeitamente visivel.

Engulida que seja a trichina, mostraram os srs. Virchow, Claus, Turner e Luckart, que ella se transforma na trichina intestinal, a qual gera os embryões que furam as paredes dos intestinos e penetram todos os orgãos. Se o animal ou o homem não morrem, as trichinas enkystam-se e ficam inoffensivas em quanto não são comidas por outro animal.

N'este caso recomeça a serie de transformações.

O porco é o animal em que melhor se dão as trichinas; e até hoje todos os casos de trichinose hão sido causados pela ingestão da carne de porco. Basta um pequeno pedaço de carne avariada para transmittir e gerar a doença, e talvez produzir a morte. Cada trichina intestinal contém para mais de cem germens, successivamente aos quaes se estão formando outros. Computando apenas em duzentos os embryões gerados por cada trichina-mãe (diz mr. Gerlach que o numero de germens ascende a quinhentos); demorando-se as trichinas no intestino coisa de dois mezes, vê-se que para engendrar um milhão de trichiniculas bastam duas a tres mil femeas, numero assaz restricto, que é facil encontrar em um fragmento pequeno de carne.



Trichina enkystada em um musculo

Segundo os orgãos atacados pelas trichinas, assim variam os symptomas morbidos. Aos medicos pertence estudar a materia, mas o que convem dizer é que a doença será tanto mais para temer, quanto maior for o numero de trichinas que se houverem engulido.

A trichinose é uma doença terrivel, se bem que alguem lhe tenha exaggerado os effeitos.

Na Allemanha, porém, os estragos hão sido grandes, e contam-se povoações que soffreram muito. Em Hettstedt, por exemplo, morreram em pouco tempo umas vinte e sete pessoas.

O consumo da carne de porco é extraordinario na Allemanha. Só em Berlin passa de cem mil os porcos que se consomem. Por isso é na Allemanha que a trichinose tem feito maiores estragos. Já hoje, porém, se vae desenvolvendo a epidemia na Inglaterra, em França e na America. Ainda não ha muito, vindo de Valparaiso um navio mercante, foi atacada a tripulação, morrendo dois marinheiros.

IV

Expostos os factos, digamos ainda algumas palavras sobre o modo de obviar aos funestos effeitos da doença.

A sciencia ainda não determinou especifico efficaz contra a trichinose. Resistem as trichinas aos agentes mais violentos e poderosos que a chimica conhece. Foram a principio encarecidos, como remedios soberanos, o phosphoro, o arsenico, o cobre, a essencia de therebentina e o mercurio. Apregoaram outros a virtude curativa da benzina e do picronitrato de potassa.

O certo, porém, é que nenhum d'estes agentes merece confiança. Comida que seja a carne trichinada, os purgativos são o unico remedio que a sciencia recommenda. Dos meios preventivos é que mais se ha fallado, e parece que com prospero resultado.

A observação directa pelo microscopio é o melhor meio de chegar á verdade.

Já hoje se vendem trichinoscopios muito baratos, e bom seria que todos soubessem empregal-os.

Como, porém, este meio, com ser o melhor, é de difficil applicação, devem ter-se por muito recommendadas as seguintes prescripções:

1.ª Desconfiar dos presuntos, salames e quaesquer carnes de porco provenientes da Allemanha.

N'estes paizes, o antigo processo do fumeiro para seccar as carnes de conserva foi substituido por fumigações acceleradas, que não matam as trichinas.

2.ª Engeitar carne de porco que não esteja perfeitamente cozida.

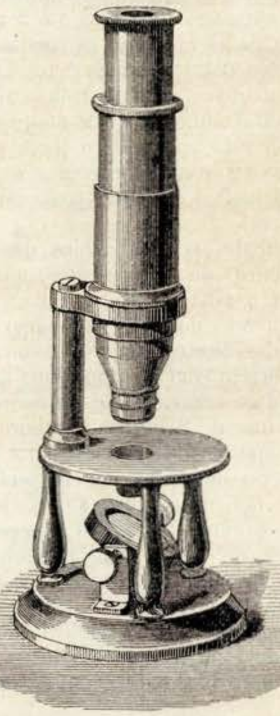
Este preceito, sobre ser hygienico, torna a carne mais saborosa, e é de importancia capital, pois as trichinas morrem a uma temperatura de 80 a 100 graus centigrados.

Deve-se tomar todo o cuidado em que a cozedura não se limite sómente á superficie, pois, se assim fôra, as trichinas do interior ficariam vivas e avexariam do mesmo modo.

Não se imagine, todavia, que a cozedura é remedio soberano. Segundo experiencias dos srs. Haubner, Leisering e Kuchemneister, as trichinas difficilmente morrem, mesmo depois de sujeitas muito tempo á acção da agua fervente. A salga e a fumigação quente são, na opinião d'estes experimentadores, os melhores meios preventivos.

Estas as precauções que a sciencia recommenda. Em França, na Inglaterra e na Allemanha é defeso vender carne de porco que não tenha sido examinada com o microscopio.

Em Portugal, felizmente, não consta que a trichinose já tenha grassado. Muitas pessoas, porém, andam sobresaltadas com gravissimas alterações observadas nos tecidos adiposos dos porcos poucas horas depois de mortos.



Trichinoscopio

Em Gouveia e povoações limitrophes grande é o consumo do toicinho, unico condimento empregado pelos jornaleiros.

Quem sabe se a epidemia typhoide, que sem causa conhecida tem dizimado aquellas terras, outr'ora tão sadias, é a trichinose?

Bom seria que o poder central e os seus delegados attentassem n'estes pontos, que são de grandissima importancia.

A. Osorio de Vasconcellos.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa Vista — palacio do conde de Sampaio